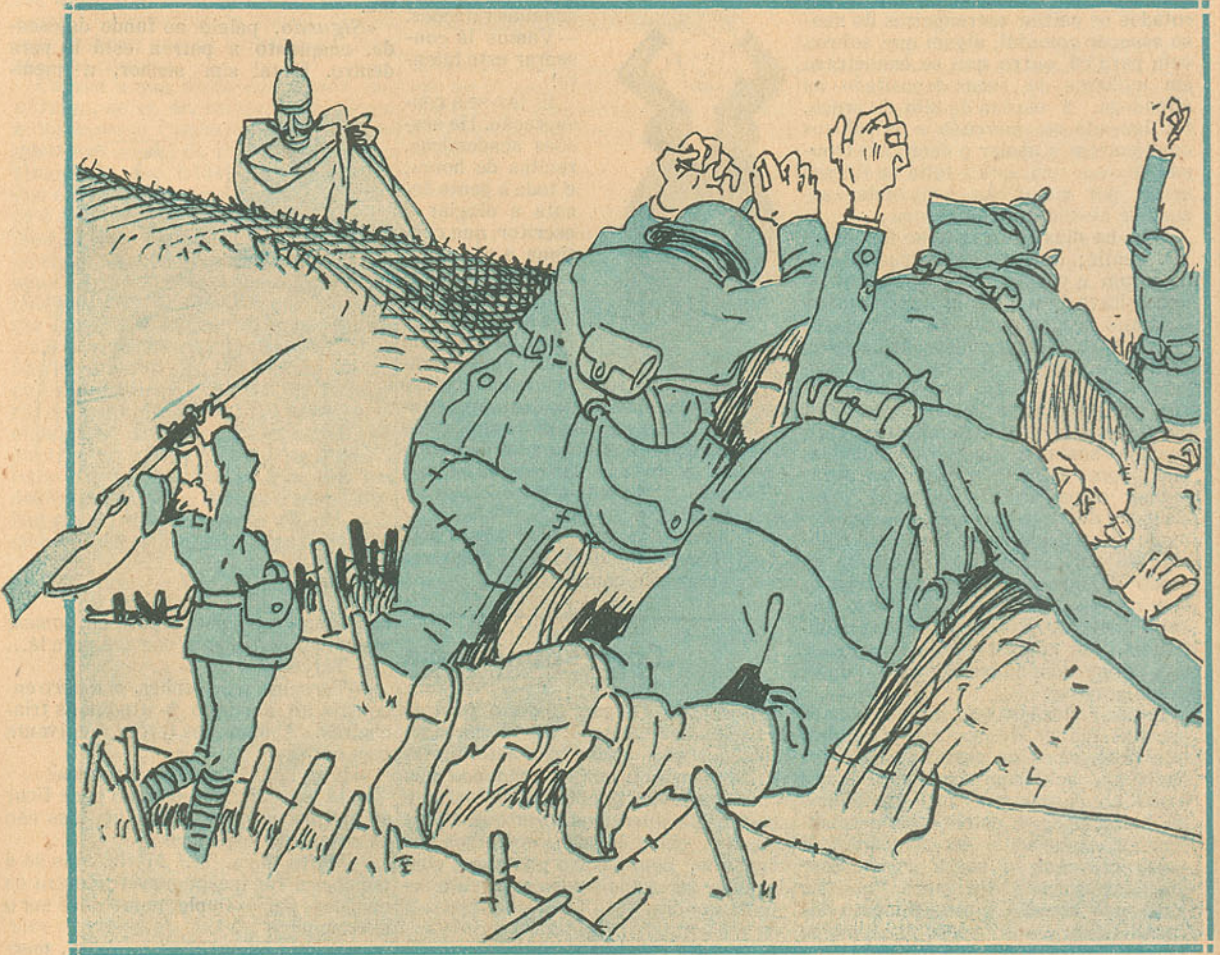




Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 45—Lisboa

## Portuguezes no "front"



O ESPÉTADOR DE LONGE:

— E' pequenino, mas tezinho!





## PALESTRA AMENA

## Amendoas

E' isto. Com a crise que por aí vai, faltando os generos mais necessarios á alimentação, entre os quais o assucar não é o de menor importancia pelas suas propriedades oxigenarias, se tanto ousamos dizer, as vitrines e balcões das confeitarias appareceram a abarrotar de amendoas, desperdiçando em inutil guloseima o que tão util, quando tomado em conta, peso e medida, seria para os nossos organismos de pauperados!

Em tempos, um dos conspicuos governos que tão sabiamente teem dirigido a causa publica, chegou a decretar a supressão dos doces. A indignação fez erguer immediatamente o clamor dos confeitarios, fornecedores quicá dos crueis ministros, e estes, piedosamente, enguliram o decreto, permitindo de novo a venda do pastel de nata e quejandas mixordias. No entanto, abarrotados os paizes estrangeiros do nosso assucar colonial, algum que sobrou veio para cá, outro que se encontrava em milhares de sacas depositado na alfandega, á espera de alta de preço, foi lançado no mercado e os gulosos continuaram a atolar o dente nas trouxas de ovos sem que a falta se fizesse sentir por maior nas casas onde o assucar é absolutamente preciso.

Ora, ha dias que a falta se fez outra vez sentir; de novo as mercearias começaram a vender 125 gramas a quem necessitava de um quilo, outras confessaram-se esgotadas e os petizes que necessitavam de assucar para o leite, farinha e papinha analogas, principiaram a deitar a casa abaixo com berros, porque a boca lhes amargava. Por desgraça a nova crise coincidiu com a semana santa e suas proximidades; mas, como não se possa comemorar melhor a paixão e a morte de Nosso Senhor do que enchendo-se o estomago de amendoas, e como os tempos são de tolerancia, não querendo de modo algum o governo contrariar os sentimentos religiosos de cada um, seja qual fór o modo como se manifestem, as confeitarias encheram-se das ditas amendoas e, mais ainda, despejaram-se.

Estas reflexões que aqui deixamos escritas em ar de desabafo e não por que precisemos de assucar para coisa nenhuma, acudiram-nos na 6.<sup>a</sup> feira santa, ao passar por uma confeitaria da baixa, onde se ostentavam petulantemente toneladas de amendoas. E tanto era mau o nosso genio n'esse dia, talvez pela indignação que na alma nos acendia o procedimento dos correligionarios do nosso bom amigo Benoliel para com um inocente, que entrámos na loja impetuosamente e não nos pudemos conter: descompuzemos em rudes palavras o maroto do confeitario, que assim cometia o anti-patriotismo de gastar tal quantidade de assucar.

Mas em breve serenámos; o homem chamou-nos ao fundo da loja e jurou-nos pela sua honra de traficante que em cada quilo de amendoas não tinha empregado mais do que cinco grammas de assucar. O mais era gesso de preza. Retiramo-nos, embora não inteiramente satisfeitos, visto que aquele dispendio de gesso não pode deixar de prejudicar o publico por outro lado: faz falta, com certeza, para o fabrico do pão de primeira qualidade...

J. Neutral.

## Basta! basta!

Não ha fome que não dê em fartura. Anda um cento de escritores a fritar os miolos durante dezenas de anos sem ninguem fazer caso do que eles escrevem, até que um belo dia o amigo d'um d'elles se lembra de chamar a atenção das pessoas das suas relações: — Vamos lá consagrar este talento!



E faz-se a consagração. Ha sessões academicas, recitas de honra, e toda a gente desata a elogiar o escritor, que continua a não ler.

Pelo que nos chegou aos ouvidos que a sr.<sup>a</sup> D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, tendo, de toda a prosa e verso que lhe teem sido dedicados aproveitadas duas quadras e dois discursos, pede humildemente a fineza de a deixarem em paz e de não lhe atribularem a existencia obrigando-a a ler e a ouvir mais dislates.

E' incrível o que sofre n'este paiz quem tem a infelicidade de alinhavar quatro palavras com geito!

## Correspondencia

**B. de A.**—O seu *Figurino francez* é cheio de boa razão, mas é chuva no molhado, segundo se tem visto, tantas vezes o assunto tem sido versado sem o mais pequeno resultado. No entanto sempre lhe queremos dizer que até os censores caem ás vezes nos erros que censuram, como certo poeta que condenando as galicismos escreveu a seguinte quadra.

«Muita criada que out'ora  
Cosinhava á portugueza  
Não faz outra coisa agora  
Que acepipes á franceza».

Não fazer que, n'este sentido, é um galicismo de *haut là avec lui!*

## Exercicios da policia

A policia civica de Lisboa tem n'estes ultimos dias procedido a exercicios, errados, quanto a nós. Não sabemos se é essa tambem a opinião dos guardas; mas entrevistando a sr.<sup>a</sup> Maria da Encarnação, bem conhecida criada de fóra n'um predio da rua do Arco, a Jesus, ela explicou-se do seguinte modo:

—Andam a estragal-os, meu senhor. O meu 36 já me não fala senão em: «Braço armas» — «Carregar» — «Apon-tar» — etc.

—E então, sr.<sup>a</sup> Maria?

—Antão os *proves* guardas precisam lá d'essa sabença toda!

—Na sua opinião?

—Na minha *inpenião* os *inzercijos* deviam ser assim:

*Frumeiro*, marchas e contra-marchas debaixo das *jinelas* das minhas colegas. Eles a olhar para cima, a retorcer o bigode e terminando o *inzerccio* por uma piscadela de olho para cima.

«*Sigundo*, paleio ao fundo da escada, emquanto a patrão está lá para dentro. E tal sim senhor, a meni-



na é muito simpatica para cá, *tamem* simpatiso muito com vómeçê para lá...

—Terceiro?

—Terceiro, meu senhor, *prumero* encontro ao domingo e ataque ás trincheiras. Apalpar o terreno e ávante com *corage*.

—E se houver arames farpados?

—Já se sabe que o *home* pode ficar arranhado no fim do ataque, mas não ha rosas sem espinhos.

—Muito bem, sr.<sup>a</sup> Maria. Mas se a trincheira fór inexpugnável? Contra os canhões, por exemplo, como deve ser o exercicio?

—Contra os canhões, marchar, marchar, como se diz na *Portugueza*.

—De maneira que para a sr.<sup>a</sup> Maria e para as outras damas da sua respeitável classe a missão da policia é...

—Atirar-se ás sopeiras, nem mais nem menos. Tudo o mais é historia!





## TEATRADAS

Carta da mulher do "Jerolmo"  
a seu marido

Mê Jerolmo.

Tanho arrebeido as tuas istimadas nutisias i pratisipute que istou munto còdosa da tua cunpanha. A' dez meses que çaistes da tua casa prá ranjar cunpanhia pró Paulitima de Pêras Ruivas i inté agora nada fazestes: daráse u caso que tu me andes a enganar i tanhas a ranjado in Lisboa alguma sustituta da tua isposa?

Pois olha, Jerolmo: fica çabendo que in breve vais cer oitra vês pai purque eu, cigundo me dixe u cunpadre çangrador que onte xamei cá a casa pur còsa di uns injouos que tanto trazido istou num istado munto intressante, diz ele que pur cosa das çoidades que tanho de ti i de tu me iscreveres todas as cemanas cem falhar uma durantes estes 10 mezes. Imfim, u que fôr suará i eu natralmente suarei tamem, mas desijava que cá istiveces na incosição du çuccesso.

Cá vim u que dixes das *Almas cem arrumo*, do sr. dr. talaça—republicano e visse-versa, Cunha i Costa; vejo que gustastes munto du Pinheiro que inté ta alimbraste du illustre João Rosa e cun outros nam te desagradaram. Canto ó que dizes da menina Rei Culaço istar touda imfatica, impregando a mesma intuição para pedir um copo di agua du que para dezer que ce vai cuisidari, iço ção defeitos qui ãode paçar cando ela estiver çobre si i ce não veja ubrigada a repetir as infelêsões dus mestres. O's pois u puvlico tamem ça custuma a iço i já não faz arreparo: o Ógusto Rosa diz cun tanta suenidade que istá apachonado cumo pré-gunfa a um amigo ce paçou bem i a jente não istranha nada. Por iço nan deches de trazer a piquena para Pêra Ruivas, ce vier barata; já ce vê que, cumo a pelateia di aqui é de jente cim-



ples é persiso ela nan ce apersintar in sena tão impruada cumo tu dizes, çentre com u pescosso munto tesu; iço purem é facil de arremediar.

Cun isto nã te infado mais porque istou cum muntos gómotos. Vem depreça purque seponho que não poço isperar munto mais tempo; munto ta-

ção publica, sem que precisemos de estender a mão.

nho eu já aguintado á tua ispera. Arressebe um abraço repicado i um bejo apretado da tua isposa inté ó dia de juízo.

Zefa.

Isposa arrecebida do Emprẽzario do Pauliteama de Pêras-Ruivas

## Conferencias pedagogicas

Os professores primarios, havendo reunido ha dias, discutiram se deviam ou não efêtuar as conferencias pedagogicas para que, ao que parece, vão ser convidados pelo Ministerio de Instrução Publica.

Não chegaram a resolução definitiva, mas prevendo a abstenção, um d'elles que já tinha escrito e andava a decorar a respêtiva conferencia, pedonos para a publicarmos hoje, o que fazemos muito gostosamente:

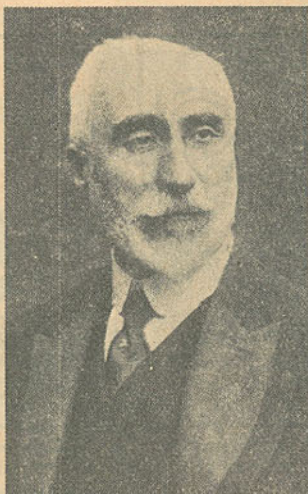
«Meus senhores:

«Lamento sobremaneira vê-os gordos e anafados, n'um estado que certamente muito os deve incomodar e pelo qual só passei quando era de mama, por ser alimentado a uma cabra que havia lá em casa. Hoje, felizmente, peso 18 quilos e 700 gramas e, se Deus quizer, este ditoso definhar ir-se-ha accentuando pelo tempo fora, até que —ó suprema ventura!— a gravidade não exerça a menor ação sobre minhas moleculas.

«São inumeras as vantagens da imponderabilidade de que os professores primarios gosam, graças á profecção dos poderes publicos: a leveza nos movimentos, a economia de roupas, a poetica transparencia das nossas figuras, torna-nos inconfudiveis, seres áparte, chamando a toda a hora a comiserar-

## EM FOCO

Maura



*Eis o prestigioso presidente  
Do ministerio do paiz visinho  
Onde, tal como aqui, o Zé Povinho  
Se mostra agitador e descontente.*

*Resolverá a crise dissolvente?  
Diminuirá o preço ao pão e ao vinho?  
A Espanha levará por bom caminho?  
Terá firmêza e, emfim, será prudente?*

*Se ele as dificuldades não afronta,  
O' pueblo hermano! Portugal agora  
Tem um saldo de chefes muito em conta.*

*Levã-os e tu verás que, muito embora  
Obra não façam lá de grande monta,  
Sempre te livrarão d'uma penhora.*

BELMIRO.

ção publica, sem que precisemos de estender a mão.

«Assim damos exemplos, sem o menor trabalho, ás crianças cuja educação nos é confiada! Comnosco aprendem o jejum perpetuo, a resignação passiva, a tenacidade nervosa opondo-se a cada instante á decomposição pela fome. Na crise que o mundo inteiro está atravessando, obrigando ainda os mais ricos a dar um nó na tripa, só o professor primario se mostra intrepido e não queixoso; porquê? porque foi habituado a não comer, porque não es-



tranha a falta de subsistencias, de modo que se todos tivessem praticado como nós com a nossa previdencia, não se ergueria agora o minimo clamor. Se fome temos, fome tinhamos e fome haviamos de ter por todos os seculos.

Termino saudando o illustre auditorio e pedindo uma esmolinha. Senhores que tanto teem dado para as vitimas da guerra: dêem alguma coisinha aos professores primarios — ás vitimas da paz. Tenho dito».

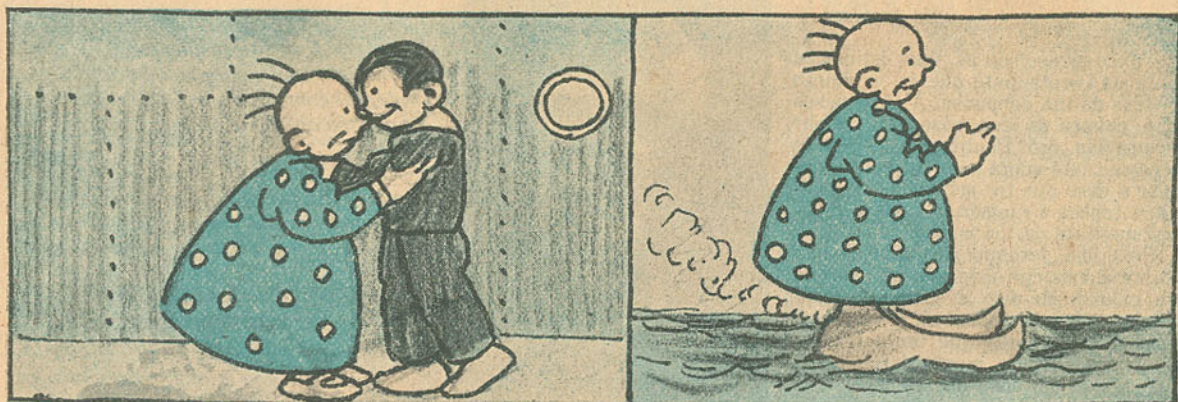


# MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

18.<sup>a</sup> Parte4.<sup>o</sup> Episódio

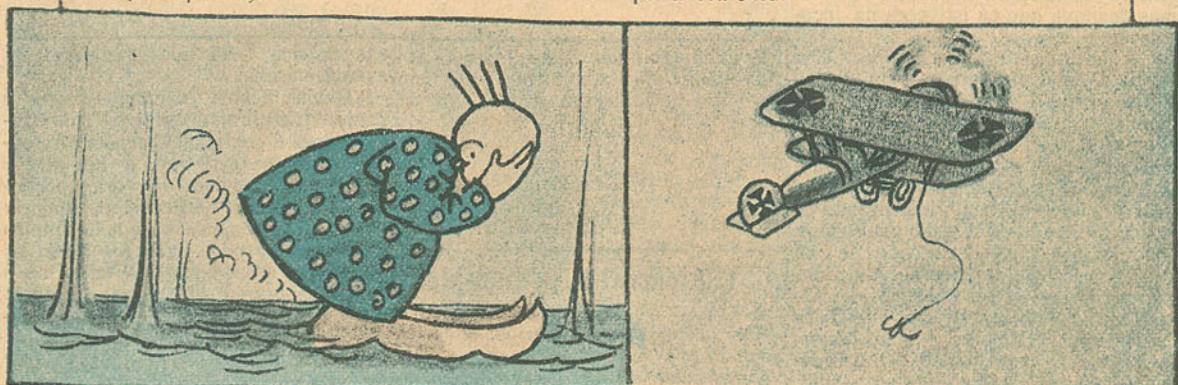
A MACACARIA

(Continuação)



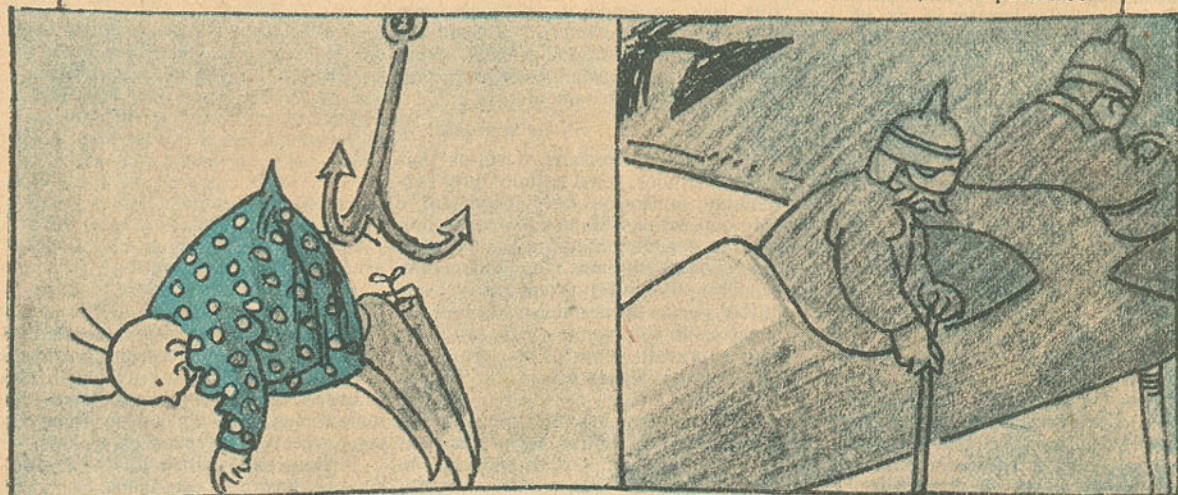
1.—A bordo, Manecas despede-se do mano Quim, porque recebeu ordem de se apresentar no front portuguez.

2.—Calça os celebres sapatos boches e mete pés ao caminho, andando pelo mar como nós por nossa casa.



3.—De subito, pum! pum! E' bombardeado por um aeroplano alemão

4.—que lhe lança uma fateixa, ultimo invento de se prender ao fundo das calças dos parceiros.



5.—Dentro d'alguns segundos, Manecas é arrebataado pelos ares, sem tempo para gritar pelo Sidonio.

6.—Ei-lo prisioneiro dos alemães e envolvido em novas e terriveis aventuras que vão assombrar o universo.

(Continua).